

NARRAR O CAOS: O RAGNARÖK EM TEMPOS DE AUSÊNCIA, UM DIÁLOGO ENTRE MITOLOGIAS DO IMAGINÁRIO NA ESCOLA

Graciane Cristina Mangueira Celestino (UnB)¹

Robson Coelho Tinoco (UnB)

Resumo: A partir das narrativas de caos, em textos literários, HQs, algumas delas adaptadas para o cinema, o trabalho que se apresenta buscou refletir acerca da relação subjetiva que essas leituras comportam e ressignificam para adolescentes e jovens. Análise realizada a partir de pesquisa com um grupo de dez jovens, de uma escola pública do Distrito Federal, que originou o presente estudo, sendo identificadas as experiências e compreensões da narrativa e suas perspectivas.

Palavras-chave: Leitura subjetiva; Narrativas do Imaginário; Literatura; Educação


Narrativas do caos: reflexões teóricas

Como narrar o caos se ele inicialmente está no interior de cada ser humano? Como compreender o Ragnarök na atualidade? Os povos do Norte, ou nórdicos, tinham uma compreensão bastante diferenciada e ao mesmo tempo aproximada à nossa, acerca do chamado *Crepúsculo dos Deuses*. Salienta-se, aqui, que pensar o mito enquanto construção de uma sublimação do caos, não é em absoluto, pensar a destruição, e sim a formação de uma subjetividade a partir da cultura de povos tidos como *bárbaros*, utilizando para isso sua mitologia, apresentam-se as análises históricas e literárias que permeiam a Edda Poética, parte I, *Völuspá* e a sua ressignificação na atualidade, por HQs (Histórias em Quadrinhos) e adaptação para o cinema.

A *Völuspá* (A profecia da vidente) é o primeiro poema e mais conhecido das Eddas, conjunto de narrativas míticas divididas em Edda Poética e Edda em Prosa. Sua narrativa se inicia com a criação e culmina na destruição do mundo até então conhecido. Os escandinavistas e estudiosos dos temas nórdicos consideram essa narrativa a melhor fonte de estudos para a mitologia nórdica e sua compreensão, bem como para a produção literária que foi influenciada por estes textos.

Sua preservação aconteceu graças aos manuscritos do *Codex Regius*, assim como no *Hauksbók*, algumas partes desse poema também aparecem com variações pequenas na Edda em Prosa. Tanto no *Hauksbók* quanto no *Codex Regius*, a ordem das estrofes varia. Para este estudo foi escolhida a versão do segundo manuscrito, por ser o

¹ Graduada em Letras (UEG), Mestre em Educação (UnB). Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Literatura (PósLit) Universidade de Brasília. Contato: caeiro3@gmail.com.



mais utilizado como base para estudos e adaptações fílmicas, literárias e visuais, material frequentemente visto e lido por jovens e adolescentes. Faz-se necessário informar que cada um dos manuscritos contém estrofes que não são encontradas no outro.


Segundo Langer (2015), o termo *Ragnarök* seria “consumação dos destinos dos poderes supremos“. Para esse teórico, o significado citado tem raiz etimológica mais antiga que sua forma islandesa, (sing. Ragnarökkr, Crepúsculo dos poderes supremos). De maneira geral, esse termo pode ser compreendido como sendo acontecimentos anteriores à morte dos deuses nórdicos, assim como destruição de boa parte do universo. Após esse desenrolar, algumas das deidades nórdicas e alguns seres humanos teriam sobrevivido e deram origem a uma nova ordem no cosmos.

A compreensão de uma narrativa do caos, tanto apocalíptico bíblico quanto crepuscular da poesia éddica, conduz à consideração da palavra *Ragnarök* como sendo exclusiva dessa forma poética. Langer (2015) cita que sua utilização não tem ocorrência em nenhuma fonte escrita da Era Viking. Sendo assim, outros termos foram forjados a fim de tratar da destruição futura.

Essa relação entre o crepúsculo dos deuses e os acontecimentos contemporâneos foi analisada com o grupo de jovens a partir dos aportes teóricos de K. K. Ruthven, Santo Agostinho, Eudoro de Sousa, Mircea Eliade, Nicola Abbagnano, Jorge Luis Borges, Antonio Candido e Annie Rouxel. Em Ruthven, foi utilizada uma definição de mito, bem como as relações de aproximação e diferença entre a cultura nórdica e a greco-latina, além da cultura mítica hindu. Durante a pesquisa, para que os jovens pudessem compreender melhor as análises teóricas empreendidas, foi introduzida uma breve análise da *Völuspá*, e sua organização histórica.

A *Völuspá*

De acordo com os escritos, essa poesia éddica é datada do século XI, ano 1000 ou 1056 d.C, de autoria islandesa desconhecida. Em sua estrutura básica encontra-se o passado, que se inicia na estrofe 3 e vai até a 27, mais adiante das estrofes 30 até a 43 é contado o presente mítico nórdico. O *Ragnarök*, o futuro crepuscular, é descrito das




estrofes 44 até a 58; o que chamamos de futuro pós-Ragnarök é descrito da estrofe 59 até a 65, são exatamente 66 estrofes que compõem a Edda Poética Parte I – Völuspá.

Algumas concepções trazem à tona três ideias principais. Segundo Langer (2015): 1), estudiosos que creem nas narrativas dos deuses germânicos como sendo de origem pagã, 2) autores que receberam influências cristãs em uma composição pagã e a recontaram registrando de forma escrita, 3) a autoria era pagã e sofreu influência do cristianismo em sua fase final de composição. Logo se encontra na Völuspá um problema relacionado à autoria. Contudo, será mantida aqui a análise literária, de base histórica e social que essa composição apresenta acerca de se pensar a Ausência, enquanto sendo o Nada platônico, o ser do não-ser (Abbagnano,(2012).

A concepção de tempos que se expandem em descobertas científicas e tecnológicas, mas deixam-se dispersar pela negação do ser, tempos de angústia, transformada em frivolidade e violência contidas, que se apresentam em discursos desconectados de uma sociedade real, pode ser interpretada como no mito, os homens estão e encontram-se perdidos em seu interior, e estes questionamentos permearam a leitura tanto da *Edda poética*, quanto do texto *O Livro dos Seres Imaginários*, que foi introduzido no final da pesquisa, com o intuito de relacionar as narrativas de ambos os textos, a fim de relacionar as *Mitologias do Imaginário*, descritas no livro e as que estão contidas na Völuspá. Essa análise das categorias de compreensão dos povos nórdicos em relação ao crepúsculo, e de sua crença nos deuses, é também uma ressignificação da narrativa mítica em nossa sociedade, e em leituras literárias por vezes pouco discutidas e lidas.

A experiência mítica pode ser compreendida como aquela que não tem uma vivência direta no ser humano. Sua concepção está intrinsecamente ligada à questão da linguagem, e assim como ela não se explica de forma objetiva, sua subjetividade é interior ao ser, o Ragnarök é uma experiência diária, a transcendência do pensar, o caos interior em que se constituiu uma sociedade que se dispersa em conflitos políticos, religiosos e ideológicos.

Os povos do norte, ao contarem em poesia o crepúsculo dos deuses, também colaboraram para a compreensão da criação tanto quanto da destruição, como resistência à inteligência meramente exterior, além de terem sido influência para escritores que utilizaram essa experiência subjetiva para compor seus textos literários. O



narrador apresenta um labirinto e como tal tem suas ramificações, uma experiência com a inteligência interior, ligada à afetiva e que se relacionam com a cognição.


As Mitologias do Imaginário

Utilizou-se o termo *Mitologias do Imaginário*, para fazer alusão ao conjunto de ficcionalizações dos seres, lugares e suas origens, de acordo com as culturas a que pertencem pesquisa de doutorado em andamento. Sendo a mitologia um conjunto de mitos, estudo sobre suas origens, evolução e significado em relação à cultura a que pertence, o imaginário seria, portanto, a ficcionalização dessas características que estão em constante resignificação, quer como jogos; a) o *game* chamado Ragnarök tem grande influência entre os jovens que fizeram parte da pesquisa; quer como filmes, b) *Thor Ragnarök* será lançado em 2018, filme baseado na narrativa mítica da destruição; assim como as Histórias em Quadrinhos; c) *Thor*, a comercialização de livros e dicionários para jovens, com essa temática, tem sido bastante difundida, isso ocorre pelo fato de o mercado utilizar estratégias para venda de produtos, sem que haja uma reflexão acerca desse objeto.

Entretanto, é importante citar que algumas dessas leituras necessitam de uma reflexão tanto do professor quanto dos jovens, porque muitas distorcem o literário, outras adaptam de maneira genérica o texto. Todos esses aportes, sendo eles escritos, virtuais, visuais ou cinematográficos conduzem a alguns questionamentos, tais como: o ser humano está em busca de resignificar sua interioridade? A presença do Nada assusta e conduz a uma fuga da realidade? Como essa mercantilização afeta as compreensões individuais e coletivas?

Ruthven cita *Confissões* de Santo Agostinho na parte XI, 14. Ele retira do texto uma afirmação que sentencia como uma provável resposta ao que é “mito”. No entanto, o texto de Agostinho diz respeito ao tempo; em Eudoro de Sousa se encontra uma provável explicação para a citação de Ruthven: Eudoro concebe os termos *Lonjura* e *Outrora* como o desconhecimento do espaço que medeia o significado intrínseco dessas duas palavras ou conceitos.

Ainda segundo Eudoro, a possibilidade de *lonjura* e *outrora* estarem sujeitos à mediação espaço-tempo, pois “o bom senso quer que a distância se perca na




lonjura, e que o outrora absorva o antigo...” (SOUSA, p. 223, 2004). Essa referência é estabelecida ao discutir a relação História e Mito: o ser não conhece o espaço mediado pelo distante e o próximo, sua linguagem é possível para o entendimento das questões de antigo e atual.

E nesse sentido o melhor exemplo seria a narrativa da criação do universo, que foi lida pelos jovens para sensibilização ao texto, que se inicia com a história do gigante do gelo Ymir, contada para fazer alusão ao nascimento do primeiro homem. Segundo o mito, a vaca Audumbla nutria o gigante com seu leite, e fazia isso se alimentando do sal e da água que lambia do gelo do próprio gigante. Um dia enquanto lambia as pedras de sal, viu um cabelo de homem; no outro dia, a cabeça inteira apareceu, e no terceiro dia o corpo completo, belo, ágil e forte.

Esse ser era um deus; dele e de uma mulher da raça dos gigantes surgiram os três irmãos, *Odin*, *Vili* e *Ve*, que mais tarde matariam Ymir, um assassinato parental, que também é bastante discutido em outras narrativas míticas, inclusive a bíblica. A partir da substância do corpo do gigante, eles formaram a terra; do sangue derramado, foram formados os mares; de seus ossos, montanhas; de seus cabelos árvores; de seu crânio, os céus; e do cérebro, as nuvens.

A criação da Terra surgiu das sobancelhas de Ymir, e Midgard (terra média) se tornaria a morada dos homens. Para que houvesse ordem no cosmos, *Odin* separou os períodos entre dia e noite, as estações, e colocou no céu o sol e a lua, traçando seus cursos. Logo após, os deuses viram que faltava ao mundo criado algo, estava incompleta sua obra, criaram o ser humano. De um freixo fizeram o homem, e do álamo fizeram a mulher, o primeiro homem chamou-se *Aske* e a primeira mulher *Embla*. Após a criação de seus corpos, *Odin* deu-lhes a vida e a alma, *Vili* lhes dotou de razão e locomoção, e *Ve* presenteou-lhes com sentidos, expressão e discurso, então Midgard foi entregue a ambos para que fizessem sua morada.

Esta crença descrita na *Völuspá* diz que o universo todo é sustentado por uma árvore que floresceu do corpo de Ymir. Essa árvore chama-se *Ygdrasil*, possui três raízes que passam por *Asgard* (morada dos deuses), *Jotunheim* (morada dos gigantes do gelo) e a terceira por *Niffleheim* (morada dos mortos, região das trevas e do frio eternos). Essas raízes teriam a seu lado uma fonte. Como a primeira raiz penetrava *Asgard*, ela era cuidadosamente tratada pelas três Nornas, *Urdur* (passado), *Verdande*



(presente) e *Skuld* (futuro), a essas três deusas pertence o destino. A segunda raiz penetrava Jotunheim e era chamada de o poço de Ymir, onde ficava a sabedoria e a inteligência, a terceira raiz nutria *Nidhogge* (a escuridão) e era corroída perpetuamente.


Mais à frente na narrativa da *Völuspá*, uma vidente ou profetisa, é questionada por Odin, o pai dos deuses, acerca do futuro de todos eles. Isso ocorre durante um dos inúmeros banquetes dados por ele no *Valhala*, salão para onde eram levados os guerreiros após sua morte honrosa, em batalha. A poesia comporta imagens visuais flamejantes e majestosas, o ritmo dos versos vai se acelerando de acordo com o surgimento de cada visão da profetisa, quando se aproxima do fim as descrições são catastróficas. Langer (2015) cita que há uma fragmentação da poesia em eixos temáticos, que se revestem de núcleos específicos e desses surge uma ordem textual construída a partir de uma narrativa de caos.

Para compreensão rápida desses chamados eixos temáticos, apresenta-se aqui sua ordem textual: a) a profetisa narra a criação do mundo; a batalha dos deuses *Ases* e *Vanes*; b) são narrados os eventos do futuro, a morte de um dos filhos de Odin, *Balder*; c) logo depois é narrado o crepúsculo, a batalha entre os deuses e a regeneração final do universo. Interessante perceber que essas narrativas constroem diversas ligações entre crenças mitológicas tanto ocidentais quanto orientais. Boyer (1983) inclui também as crenças persas, a idade de ouro clássica e o apocalipse bíblico à narrativa nórdica, *Völuspá*.

Nesse sentido, esse texto, mesmo que aparentemente mítico-literário, poderia ser compreendido como um reflexo de uma política de surgimento de um governante poderoso para devolver ao mundo sua ordem, isso na Islândia e Noruega. Existem inclusive algumas teorias acadêmicas relacionadas ao fato de os reis germânicos descenderem diretamente de deuses. Segundo Borges (2006), não existia uma unidade política entre esses povos, pois eles reconheciam uma outra forma de unidade, a nacional.

A pesquisa na escola

Durante a introdução dessa narrativa para os jovens foi necessário apresentar ambos os textos, em um segundo contato foram entregues questionários




acerca da leitura relacionada com a narrativa de criação, em um terceiro contato foi iniciada uma leitura individual do texto sobre as Nornas, contido no Livro dos Seres Imaginários, logo após partiu-se para a reflexão acerca do caos, nesse sentido, essas narrativas podem ser compreendidas como tentativas de representar a capacidade de revestir a linguagem de significação, o que refletiu no sentido da existência enquanto um artifício banal para a distinção de nossa verdadeira necessidade. “Mas a negação, aqui, é como que um encantamento coisístico, mediante o qual, da lonjura, *parece* fazer-se um distante e, do outrora, um antigo” (SOUSA, p. 224, 2004).

Nesse aspecto ilustrativo apresentado por Eudoro de Sousa, incorre uma forma rica para tecer texto e imagens, que reflete o fazer literário como uma negação e um encantamento, personificado na construção de ritos instituídos e criados por cada cultura a partir de sua sociedade, história, mitologias e crenças, o que seria o revisitar da narrativa mítica em vários momentos históricos e sociais da humanidade.

O Ragnarök pode ser compreendido na atualidade como uma demonstração de busca, procura, estranhamento de mundo, sentidos pelo homem contemporâneo. “Por querer ou sem querer (mais verossímil é o sem querer), transpusemos o limiar de outro, a que, no fundo de nós, não éramos alheios” (SOUSA, p. 224, 2004). Essa desmistificação não é proposta como uma ruptura, mas sim um questionamento do outro, da realidade a partir da história, da compreensão do leitor em relação ao tempo, aos limites, à sua transposição, e nesse aspecto apresenta no desequilíbrio o surgimento do sentimento de ausência, um sentir o nada, a necessidade de ter significados no decorrer da vida, pois o tempo e a evolução ressignificam e constroem diferenças.

A ressignificação da interioridade do ser humano se apresenta ao analisar os espaços. Esses já não são tão demarcados, a contemporaneidade tratou de fragmentar o espaço social e histórico porque apresentam poder, a política e a cultura estão sendo ressignificados para que pareçam claramente submetidas às classes dominantes. O deslocamento interior apresenta indeterminação. Destarte, Antonio Candido (2000), reflete acerca do campo social, político, cultural e a obra de arte, justamente por esta influenciar o meio sócio-histórico.

[...] qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? Digamos que ela deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? Assim poderemos chegar mais perto




de uma interpretação dialética, superando o caráter mecanicista das que geralmente predominam (CANDIDO, 2000, p. 18).

A presença desse questionamento acerca da interpretação dialética da arte, foi utilizada como fio condutor para pensar o caráter mecanicista que nos lembra Candido, de algumas expressões artísticas que comportam uma relação de afastamento. Entretanto é necessário refletir acerca das construções e concepções de literatura e linguagem, refletindo de maneira a problematizar esse deslocamento para encontrar a si, onde o ser convoca o não-ser para assumir um papel, papel de iniciação, percursos que passam pelo autoconhecimento, buscando assim ultrapassar os limites.

A definição de Nada como alteridade, dada por Platão, pode ser compreendida como “a alteridade do ser, ou seja, a negação de um ser determinado” (ABBAGNANO, p. 810, 2012). Essa possibilidade do fictício no efeito de pensamento filosófico platônico nos conduz a outro mundo além do real. Contudo essa definição necessita de uma reflexão dialética acerca da relação entre “o novo e a tradição”, pois só é possível pensar um futuro, se este se constitui em questionamentos do passado e seus reflexos no presente.

Esse conceito das narrativas apresentadas aos jovens, portanto, foi caracterizado como uma travessia de fronteiras entre o mundo real e o mundo sensível, inteligível. A linguagem ultrapassa as determinações do real, o fictício possibilita o imaginário, e provoca um deslocamento com o interior e o exterior do texto. Sendo assim, a leitura subjetiva destes textos pode constituir uma realidade interior que encontra espaços de caracterização, criação de outro mundo possível. Um mundo que possa suplementar e permitir que a linguagem seja explorada.

Durante a pesquisa sobre a narrativa do Ragnarök, foi apresentada aos jovens a perspectiva de poetas pagãos terem reinterpretado algumas imagens de origem cristã, mimetizando seus cultos e mitos originais. A hipótese de uma potencialidade da linguagem escrita ter se fundido em um momento de tradição pagã oral, para mais tarde ser narrada definitivamente por parte de alguns escritores cristãos, dando a forma que se conhece aos poemas éddicos atualmente foi reconhecida como provável constatação dessas influências. Eliade diz que para as sociedades primitivas, o fim do mundo, o apocalipse, o Ragnarök, já ocorreu, “os mitos de cataclismas cósmicos são



extremamente difundidos. Eles contam como o Mundo foi destruído e a humanidade aniquilada, com exceção de um casal ou alguns sobreviventes” (ELIADE, p. 53, 2013).


Borges (1966), em seu livro *Literaturas Germanicas Medievales*, menciona as Eddas, ao se referir a artigos que foram escritos em espanhol tendo por base estudos relacionados à poesia de origem germânica e nórdica. Cita o caso da publicação por Baltasar Gracián, em 1648, na Espanha, do texto *Agudeza y Arte de Ingenio*. O autor inclui em seu décimo discurso uma passagem relacionada a *Skáldskaparmál*, ou seja, à dicção da poesia, as metáforas poéticas nórdicas.

“La Skáldskaparmál y la Agudeza y Arte de Ingenio, redactada cuatro siglos después, son herbarios de metáforas, pero la primera exponía una tradición y la segunda quería ser el manifiesto de una escuela literaria, el conceptismo” ((BORGES, p. 45, 1966). Ao definir essa manifestação do significado e importância da narrativa mítica em várias imagens simbólicas e de simbologia, pode-se perceber como as influências teóricas são construídas, Gracián buscou, segundo Borges, descrever a importância das metáforas e da poesia para a tradição oral no medievo, o que, ainda segundo o autor, seria utilizado depois para embasar a poética do conceptismo literário.

É importante analisar que os textos são uma maneira de se desejar uma experiência com o literário que preceda a decodificação de signos, estabelecida também como uma transmissão de um *habitus cultural* “ o desejo de ler ou reler é um desejo de conhecimento que nasce de uma vontade de compartilhar com os outros leitores, e a palavra desempenha um papel essencial.” (ROUXEL;LANGLADE;REZENDE, 2013, P.73). Essa perspectiva das autoras é comprovada ao se analisar a estrutura do próprio texto. Das 66 estrofes da Edda Poética, só 20 podem ser lidas como tendo influência de tradições culturais diferenciadas.

[...] a recepção de um texto literário é uma “experiência literária” apenas quando envolve o ser por inteiro. E é precisamente quando ela se assenta em fenômenos longa e unanimemente condenados, por serem ilusão referencial e identificação, que ela atinge certo grau de plenitude (ROUXEL; LANGLADE; REZENDE, 2013, p. 204).

Nesta perspectiva, a partir das leituras acerca dos tipos e níveis de transculturação descritos por Rama (2001), foi formulado um conceito – o de *simulacro de criatividade* – para delimitar o envolvimento do leitor com o texto e como poderia se dar essa experiência. Destaca-se que a delimitação do termo está em estado



embrionário, tendo surgido da necessidade de compreender a apreensão da narrativa mítica na atualidade e o grau de subjetividade que ela comporta.


Anteriormente citado aqui, Borges também anuncia essas representações nacionalistas na cultura germânica. Para Eliade existe uma espécie de ressignificação dos Eleitos, sendo eles “a raça ariana” ou o “proletariado”. O autor utiliza essa metáfora para explicar a maneira como é compreendido o Ragnarök em tempos de caos, essa expressão de uma Providência que se anuncia para compensar os eleitos por todos os desgastes, dores e sofrimentos pelos quais passaram.

Narrar o caos é uma situação atemporal, pois o mito comporta a estrutura de uma narrativa densa. Possui simbologia, estabelece relação metonímica e um conceito metafórico para saída, a descrição de uma sociedade que se constrói e destrói a cada vinte anos, uma realidade indefinida, “um Aske” e “uma Embla ” que não se sentem parte do mundo. Como no mito nórdico, a eles é entregue a Midgard para que dela cuidem e façam sua morada, mas apesar dessa generosidade dos deuses para com o homem, acalenta-se um desejo por um mundo purificado de todo mal, uma espécie de resgate das várias transposições do mito durante os tempos.

Observa-se que “o mito é linguagem da sensibilidade e da imaginação; que é da sensibilidade e da imaginação que parte o impulso mítico, criador de mitos” (SOUSA, p. 285, 2004). Essa compreensão de mito que está para a sensibilidade como a ciência está para o inteligível já era bastante discutido por Eudoro de Sousa: o apontar para aquilo que transcende, para o ser enquanto construção de uma tentativa de solução de problemas, contestação de fronteiras, de limites, operar no modo de conhecimento, reconhecer a sensibilidade que permeia as relações descritas por essas narrativas, aparentemente desprovidas de qualquer racionalidade.

Considerações Finais

Finalizando a pesquisa com este texto literário, o Ragnarök. Apresentou-se aos jovens *O livro dos Seres Imaginários*, publicado por Borges e Guerrero, em 1957, primeiramente como Manual de Zoologia Fantástica, dez anos depois ampliado e lançado com o nome atual, foi realizada uma leitura inicial de seis narrativas dispostas no livro que fazem alusão à Edda Poética, parte I, Völuspá. Relata-se que, para




realização deste escrito, foram necessárias algumas reflexões e observações, tanto literárias como históricas, pois se percebeu, logo no início, que algumas fontes eram insuficientes em relação ao contexto social e filosófico. A pesquisa por autor / intenção do autor / narrativa mítica / e a possibilidade de intervenções e interpretações do leitor foram cansativamente lidas e relidas. Algumas fontes teóricas foram descartadas por não abranger a proposta desta análise, a investigação de alguns traços da cultura nórdica e experiência leitora possibilitou um momento de crescimento cultural.

Acredita-se que o trabalho com as narrativas do imaginário possam ser realizadas em diferentes faixas etárias, com adequações de linguagens e suportes, assim como ajustar o grau de dificuldade ou exigência da análise ao trabalho. Diante dessa possibilidade, pensa-se que é importante que os profissionais do ensino de Literatura concebam suas reflexões em aportes que possam ofertar reconhecimento das influências culturais dos povos em sua cultura e tradição leitora, pois o público alvo da formação acadêmica em nível de licenciatura são adolescentes e jovens que, de acordo com a pesquisa que está em andamento, em sua maioria, comportam uma curiosidade crescente ao ler, interpretar, solucionar questões, vivenciar situações, refletir sobre o que leem, em especial quando se trata dessas narrativas.

O caos não é o fim; ele apenas sentencia uma nova jornada do ser em busca da compreensão de seu papel no mundo. Ao selecionar esse *corpus* literário para análise, buscou-se levar em conta a experiência leitora dos jovens escolhidos, além de desenvolver algumas reflexões acerca do papel do texto literário na subjetividade do jovem. Um tempo de ausência se apresenta, o nada é entendido como a procura pela alteridade. Em um espaço de fronteiras que se dispersam, o conhecimento incorre em transformação. Nesse ponto, o presente trabalho buscou salientar a importância do estudo e análise de textos literários que influenciam as leituras empreendidas pelos jovens na atualidade.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; rev. da trad. e trad. dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.



AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 2ª ed. Trad. de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2013.

ARIAS, Martín; HADIS Martín (Orgs.). *Curso de Literatura Inglesa*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BORGES, J. L. *Literaturas Germánicas Medievales*. Buenos Aires: Tauros, 1965.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000. (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Trad. de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (Orgs.). *Leitura Subjetiva e ensino de Literatura*. Trad. de Amaury C. Moraes *et al.* São Paulo: Alameda, 2013.

RUTHVEN, K. K. *O Mito*. Trad. de Esther E. H. de BeerMann. São Paulo: Perspectiva, 1997.

SOUSA, Eudoro. *Mitologia, História e Mito*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2004.